

BICO DE PENA: escrita de si de Nivalson Miranda

Suellen Barbosa Galdino¹

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira²

RESUMO:

Entender os arquivos privados pessoais enquanto lugares de memória nos possibilita delinear a trajetória de vida de um indivíduo em meio às funções que exerceu ao longo de sua vida. Neste sentido, a presente pesquisa debruça-se sobre o acervo ainda inexplorado do pesquisador e artista plástico Nivalson Fernandes de Miranda, objetivando prospectar a trajetória sociocultural da vida desse artista, por meio do seu arquivo privado pessoal, entendendo-o sob a perspectiva de uma escrita de si. Para tanto, adotar-se-á como pressuposto metodológico a pesquisa qualitativa do tipo documental associada à história oral de vida. O levantamento realizado até o presente momento nos possibilita afirmar que o acervo é de grande importância para a sociedade, tendo em vista o fato de abranger o patrimônio histórico e narrar por meio de pesquisas, rascunhos e desenhos um período histórico, social e cultural. Assim sendo, damos seguimento à pesquisa realizando entrevistas com as pessoas que tinham ligação com o pesquisador e analisando os gêneros documentais que compõem o acervo de Nivalson Miranda, já ressaltada a diversidade que o acervo apresenta, desde documentos textuais, iconográficos, cartográficos até os tridimensionais.

Palavras-chave: Arquivo privado pessoal; Memória; Nivalson Miranda.

ABSTRACT:

Understanding the personal private archives while places of memory enables us to outline the trajectory of an individual's life amid the functions he held throughout his life. In this sense, this piece of research focuses on the unexplored archive of the researcher and plastic artist Nivalson Fernandes de Miranda, aiming to define the sociocultural journey of the life of that artist, through his personal private archive, understanding it under the perspective of a self-writing. Hence, the methodological fundamentals of qualitative research of documental type associated with oral history of life will be adopted. The survey carried out until the present moment enables us to state that the archive is of great importance to society, considering the fact that it encompasses the historical heritage and narrates through research, drafts and drawings a historical, social and cultural period. Therefore, the research was carried out by means of interviews with people who were connected with the researcher and through the analysis of the documental genres that comprise the archive of Nivalson Miranda. It is highlighted the diversity that such archive presents from the textual, iconographic, cartographic documents and even three-dimensional the ones.

Keywords: Personal Private Archive; Memory; Nivalson Miranda.

1 PRIMEIROS ENTALHES

Compreender os arquivos privados pessoais como lugares de narrativas de memória possibilita o delineamento da trajetória de vida de um indivíduo em meio aos vários papéis que exerce ou exerceu ao longo de sua vida. Assim, este trabalho debruça-se sobre o arquivo privado pessoal do artista Nivalson Fernandes de Miranda. Atualmente, as pesquisas em arquivos privados são, em parte, realizadas quando o proprietário do acervo é reconhecido

¹ Mestranda em Ciência da Informação. Universidade Federal da Paraíba

² Doutora em Letras pela UFPB. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (UFPB).

socialmente. Assim, Ducrot (1998) entende que o arquivista deve se propor a realizar pesquisas não apenas em arquivos da elite, mas também nos arquivos de indivíduos comuns, refletindo, desse modo, a sociedade.

Dedicado às artes plásticas, Nivalson Miranda, como era conhecido artisticamente, viveu quase nove décadas esmerando-se para expressar através de suas pinturas a bico de pena, aquarela e outras técnicas, suas pesquisas, suas paixões, sua expressão de vida. Homem das artes, simples no agir e no trato para com as pessoas, porém, de um reconhecido e admirado conhecimento sobre a história da Paraíba e a cultura.

Por ter exercido vários papéis sociais, como professor, pesquisador e artista plástico, em nosso entendimento, esse artista merece um justo reconhecimento pelo trabalho desempenhado, bem como pelo legado³ artístico que deixou formando, assim, seu fundo arquivístico. Conhecer sua documentação e escrever sobre ela possibilitam que sua história seja visível e em alguns casos (re)conhecida pela sociedade paraibana. Outrossim, tornar a obra desse artista e pesquisador conhecida é, ao mesmo tempo, preservar seu acervo e não permitir que seja esquecido ao longo do tempo. “O arquivo passa a representar uma espécie de pirâmide. Guarda a memória do titular e a de seu tempo para as gerações futuras, podendo contar muito mais do que se imagina” (DUARTE; FARIAS, 2005, p. 34).

Portanto, o estudo terá como base teórica a escrita de si de Foucault, pelo fato de o objeto da pesquisa exercer vários papéis ao mesmo tempo, tais como pai, professor, pesquisador, artista plástico, etc., e não de uma forma cronológica. Assim, a escrita de si permite-nos compreender Nivalson Miranda como um todo indivisível e que estava sempre em construção. Nesta perspectiva, o referido autor afirma que a prática da escrita de si está no fato de escrever para si e para outrem (FOUCAULT, 1992).

Face ao exposto, a realização desta pesquisa encontra eco nos estudos teóricos sobre arquivos privados e, sendo o acervo deste artista e pesquisador nunca explorado, suscitou-nos o desejo de nos debruçarmos sobre o legado de sua vida. Nessa direção, o foco central deste estudo funda-se no processo de construção da memória sobre Nivalson Miranda, por seu arquivo privado pessoal ainda estar sem a devida organização. Nesta perspectiva, delineamos a questão que norteia nossa proposta de pesquisa: que memórias sobre Nivalson Miranda revelam o seu arquivo privado pessoal?

Com vistas a responder à indagação norteadora deste estudo, traçamos os seguintes objetivos: objetivo geral, prospectar a trajetória sociocultural da vida de Nivalson Miranda por

³ Por legado, entendemos tudo aquilo que foi deixado por Nivalson Miranda, enquanto obras tangíveis e também o conhecimento transmitido.

meio do seu arquivo privado pessoal, entendendo-o sob a perspectiva de uma escrita de si. Em relação aos objetivos específicos vislumbramos: compreender a trajetória sociocultural da vida de Nivalson Miranda a partir do seu arquivo privado pessoal; mapear suas obras, técnicas e seus escritos; e estabelecer as tipologias documentais que compõem o arquivo privado pessoal. Dessa feita, esta pesquisa busca construir uma trajetória positiva⁴ da vida e obra de Nivalson Miranda por meio de seu acervo pessoal associado às perspectivas da história oral. Para tanto, adotar-se-á como pressuposto metodológico a pesquisa qualitativa do tipo documental associada à história oral na vertente da história temática e em alguns casos da história oral de vida. “A história oral de vida é muito mais subjetiva que objetiva. Sua força, aliás, reside nesse aspecto” (MEIHY, 1998, p. 45).

2 LEGADO EM TRÊS DIMENSÕES

“O termo latino *documentum*, deriva de *docere*, “ensinar”, evoluiu para o significado de “prova” e é amplamente usado no vocabulário legislativo” (LE GOFF, 2003, p. 526). Todavia, Cruz Mundet (2001) pontua ser este um significado pouco preciso e prontamente elenca três elementos que caracterizam o documento: o suporte que confere corporeidade física; a informação, quer dizer a notícia que transmite; o registro, que é a fixação da informação no suporte.

Os documentos são compreendidos, na sua maioria, como sendo um conjunto de informações em suporte tradicional ou digitais e eletrônicos, que refletem as atividades do órgão produtor. Todavia, é pertinente refletir sobre a informação sem atrelá-la diretamente ao suporte. Assim, no que tange à informação na arquivologia, Fonseca (2005, p. 10) destaca que ela não tem sido considerada como objeto privilegiado, surgindo na literatura da área como consequência do documento de arquivo. Essa ainda é uma visão custodial da arquivística, em que o documento é mais importante que a informação e o conhecimento. É um pensamento restrito, que se preocupa unicamente com o documento físico, com sua guarda e sua gestão.

De acordo com Mariz (2012, p. 19), “a evolução tecnológica é um fator que teve impacto significativo em vários aspectos da “vida” dos arquivos, como, por exemplo, a mudança de ênfase do suporte dos documentos para o conteúdo e a informação neles contida”. Portanto, na perspectiva pós-custodial, o foco é a informação independentemente do suporte. Logo, entendemos que o documento tridimensional pode ser material de arquivo, possuindo esse, organicidade. “[...] é o contexto orgânico de produção dos documentos que lhes dá

⁴ O termo positivo aqui adotado refere-se a um olhar otimista do objeto pesquisado, a escolha de um ponto de vista positivo e não negativo.

significado próprio que não pode ser deixado de lado” (DUARTE; FARIAS, 2005, p. 54). Nessa mesma perspectiva, Rondinelli (2011) assegura que os documentos vão além dos textuais e, em suporte de papel, são também imagens e sons, em meio convencional e eletrônico. Assim, Buckland (1991, p. 354) discute o que vem a ser um documento, fazendo a seguinte observação:

O que, por exemplo, é um documento? Um livro impresso é um documento. Uma página escrita à mão é um documento. Um diagrama é um documento. Um mapa é um documento. Se um mapa é um documento, por que não um mapa de contorno tridimensional também ser um documento? Por que não um globo também ser considerado um documento, uma vez que é, afinal, uma descrição física de alguma coisa?

Consequentemente, percebemos que o conceito de documento não está pautado em um texto escrito, ou mesmo no suporte em que a informação é ancorada. O que irá dizer se algo é um documento é, primeiramente, a informação que ali está impregnada, onde está inserida e como será interpretada.

Poderíamos dividir objetos em artefatos destinados a constituir discurso (como livros), artefatos que não foram assim destinados (como navios), e objetos que não são artefatos em tudo (como antílopes). Nada disso impede qualquer um deles de ser evidência, de ser informativo sobre uma coisa ou outra. Também não impede as pessoas de fazer uso diferente do que pode ter sido planejado. Um livro pode ser tratado como um batente. Letras iniciais iluminadas em manuscritos medievais tinham a intenção de ser decorativo, mas tornaram-se uma importante fonte de informações sobre o vestido medieval e implementos (BUCKLAND, 1991, p. 355).

Portanto, amparamo-nos nessa citação para considerar o acervo de Nivalson Miranda, como conjunto de documentos, tendo em vista que tudo que ali está evidencia e informa a existência de um homem, que produziu arte a fim de constituir um discurso: o discurso da arte como meio de preservação de monumentos. Seguindo este pensamento, Herrera (1991) pontua que o documento, em um sentido amplo e genérico, é todo registro de informação independentemente do suporte físico. Envolve tudo o que pode transmitir o conhecimento humano.

Acompanhando o pensamento sobre o documento ser mais que escritos em suportes impressos, Rendón Rojas (1999) elenca em sete propriedades o que se refere ao documento no âmbito da Ciência da Informação: 1- É uma objetivação (materialização) do pensamento e em qualquer suporte; 2 - É criado direta e conscientemente para conduzir para o mundo da informação; 3 - Tem a capacidade de conservar a memória social, por ter função comunicativa social; 4 - Serve como instrução para orientação do projeto social humano; 5 - Possui uma sintaxe reconhecível, com forma lógica; 6 - Serve de autoconhecimento do ser humano; 7 - Só

é documento quando é colocado em um sistema de informação documental pelo cientista da informação.

Referente a essa última propriedade, Rendón Rojas (1999) ressalta que a existência do documento se deve ao autor que objetiva a informação ideal e ao cientista da informação que trabalha com essa informação para colocá-la dentro de um sistema de informação documental. Ou seja, a ação do cientista da informação produz um sentido diferente para o documento inicial, pelo fato de inseri-lo em um contexto específico que outrora não tinha.

Já Duarte e Farias (2005, p. 54) comentam que “não é a forma, o suporte, o tipo, nem o conteúdo informativo que singularizam um documento de arquivo, mas, sim, a sua origem, ou seja, o modo como ele foi produzido, em consequência e no decurso da atividade da entidade produtora”, que, no caso especial, referem-se a todos os documentos produzidos e ou recebidos por Nivalson Miranda, especialmente, as obras de arte.

3 AS MARCAS DO TEMPO: LEGADO E VIDA DE NIVALSON MIRANDA

A vida acadêmica de Nivalson Miranda foi marcada por participação em vários cursos intensivos em Minas Gerais, Pernambuco, Paraná e São Paulo, além da monitoria da cadeira de Bioquímica. Foi eleito vice-presidente do conselho regional de Farmácia, vice-chefe do Departamento Industrial Farmacêutico, no biênio de 1972 a 1973. Também assumiu a responsabilidade técnica pelo Laboratório e Análise do ASPEP, no período de 1965 a 1971 (RAMOS, 2013, p. 9).

O próprio Nivalson Miranda em seu discurso de posse como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP se autorretrata como documentarista iconográfico e afirma ser autodidata. “Defino-me, hoje, como um documentarista iconográfico que, como autodidata, sempre enfoquei a história nos quase 700 trabalhos que registrei, tendo como tema central os monumentos históricos do Brasil, sejam eles uma simples capela ou a mais imponente catedral” (RAMOS, 2013, p. 22).

A arte estava nas veias de Nivalson. Todavia, é legível um fato veemente da academia, a pesquisa, pois se dedicava a conhecer tudo sobre o lugar que iria visitar e retratar com seu bico de pena. De acordo com Ramos (2013), os trabalhos de Nivalson são aulas de história que estão espalhados na capital paraibana, na Fortaleza de Santa Catarina, na Associação dos Plantadores de Cana da Paraíba, no Centro Cultural São Francisco e nas galerias da Prefeitura Municipal, etc. A arte sempre foi muito presente no cotidiano do artista plástico, tendo como preferência os monumentos históricos.

Por conseguinte, Barbosa (1988) afirma que Nivalson Miranda revelou em uma matéria feita para o Jornal da Cidade, em 1988, que seu interesse pela arte do brasonamento teve origem na sua infância. Ele se interessava por brasões desde a sua infância. Naquela época, existia o sabonete eucalol⁵ que trazia nas embalagens roupas antigas, tipos de armas, grandes pintores e brasões, recorda. O tempo passou, o menino cresceu e os brasões, antes vistos nas caixas dos sabonetes, passaram à ponta do bico de pena de Nivalson Miranda, que desenhava perfeitamente e com riqueza de detalhes brasões das forças armadas, das cidades, de família.

4 PINTOR COM ALMA DE POETA: TRAJETÓRIA SOCIAL E CULTURAL

Paraibano de João Pessoa, Nivalson Miranda tinha vasto currículo no campo das artes plásticas, sendo autor de diversos trabalhos em técnicas diferentes. Antes do seu falecimento, estava desenvolvendo trabalhos de documentação histórico-geográfica regional e de âmbito nacional. A operosa riqueza de detalhes percebida nos seus trabalhos exhibe um resgate realista e harmônico entre paisagem focada e ambiente do seu entorno. Para Porto (1979), os brasões desenhados por Nivalson nos fazem de alguma maneira, direta ou indiretamente, ligados e identificados com a gente e a terra paraibanamente brasileiras.

Além de se dedicar às artes plásticas, Nivalson Miranda permeou pela arte da escrita com a mesma dedicação. É autor do catálogo ‘Areia e seu entorno’, primeiro trabalho que ele publica, escreveu ainda poemas e contos. Participou de inúmeras exposições, levando seus trabalhos à apreciação dos visitantes. As pinturas a bico de pena são uma marca que identifica Nivalson Miranda, assim como os trabalhos como heraldista.

Utilizava para documentar as descobertas feitas em suas pesquisas, diversas formas de artes. Inicialmente fotografava a arquitetura a qual iria desenhar, para que pudesse observar mais à frente os detalhes que talvez não fossem percebidos naquele momento. O bico de pena, que é uma marca registrada de sua arte, lhe permitia abusar de sua criatividade, leveza e precisão. As técnicas da azulejaria e da cerâmica vitrificada davam vida aos desenhos e eram usadas para compor tudo aquilo que ele planejava. Ainda trabalhava com o linóleo, material sintético e com o couro.

O acervo do professor e pesquisador Nivalson Miranda é bastante diverso. Essa diversidade ocorre pelo fato de se tratar de um artista plástico que trabalhava com técnicas variadas e, para tanto, utilizava na produção de suas obras vários materiais. Nesse sentido,

⁵ Empresa de produtos de higiene pessoal brasileira fundada no Rio de Janeiro pelos irmãos alemães Paulo e Ricardo Stern. As estampas das embalagens desse sabonete continham “figurinhas” instrutivas.

ainda ressaltamos que o produtor do acervo também produziu documentos no exercício da função de farmacêutico e de professor.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Emília. A paixão pela história leva químico a fazer pesquisas. **Jornal da cidade**. João Pessoa, 27 mar. 1988. Folha o momento, Caderno 2.
- BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, Jun. 1991, p. 351-360.
- CRUZ MUNDET, José Ramón. **Manual de arquivística**. 4. ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2001.
- DUARTE, Zeny. FARIAS, Lúcio. **O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico**. Salvador: ICI, 2005.
- DUCROT, Ariane. A Classificação dos Arquivos Pessoais e Familiares. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 151-168, 1998.
- FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.
- HEREDIA HERRERA, Antonia. **Archivística General: Teoría y Práctica**. Sevilla. Diputación Provincial de Sevilla, 1991.
- LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5. ed., Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- MARIZ, Anna Carla Almeida. **A informação na internet: arquivos públicos brasileiros**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998, 86p.
- PORTO, Waldice Mendonça. Mostra paraibana de heráldica brasileira: a configuração plástica da história. **O Norte**. João Pessoa, 11 mar. 1979. Folha cultura, Caderno [n. d.].
- RAMOS, Adauto. **Adeus a um amigo**. João Pessoa: Sal da Terra, 2013.
- RENDÓN ROJAS, Miguel Angel. Cuestiones epistemológicas de la ciência bibliotecológica y de la información. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 31-37, jul./dez. 1999.
- RONDINELLI, Rosely Curi. **O conceito de documento arquivístico frente à realidade digital: uma revisão necessária**, 2011, 270f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.